



Episódio III

UM DOUTOR MUITO ALEGRE – CANTO CIDADÃO

Por Marcos Pires

Tal qual guerra nas estrelas, não se sabe bem quando é que começa a história ou quando termina se é que termina. Quando começou a história de palhaço? Bem, talvez tenha sido com o Dr. Path Adans, lá na Europa há uns 30 anos atrás. Mas, e com o Dr. Cochilão ? Melhor se acomodar... senta que lá vem história, aliás é assim que carinhosamente é chamado por alguns amigos que também frequentam hospitais. É o dr. Senta que la vem história.

Mas vamos ao episódio III. Numa galáxia não muito distante, oops... quero dizer num hospital próximo ao Paraíso, lembrando que neste caso paraíso é o nome do bairro, nada a ver com a situação do hospital, trata-se do HSPM (Hospital do Servidor Público Municipal) que fica na Vergueiro em São Paulo, onde tradicionalmente são feitas as primeiras visitas de novos voluntários, é o estágio propriamente dito, é onde o voluntário faz seu batismo, onde tem o primeiro contato com pacientes e impacientes do hospital, depois de terem passado por aulas de práticas de palhaçadas e algumas teorias sobre funcionamento de hospital, regras do pode e do não pode fazer no hospital e assim vai.

Bem, voltando ao episódio III – O até então cidadão comum, que não tinha a menor vocação para palhaço e, diga-se de passagem, bastante tímido, foi ao hospital para acompanhar (carregador de malas) um voluntário recém formado que faria sua primeira visita de estágio, já devidamente paramentado, com personagem criado, roupas coloridas, cara pintada, nariz, chapéu e um monte de apetrechos pendurados, todos com intuito de chamar a atenção, fazer rir etc etc etc...

Bem, como se tratava apenas de acompanhante, carregador de malas, só o que tinha que fazer era ficar sentado na recepção do hospital, mas não, o curioso (eu) foi junto com uma turma de seis novos voluntários e um coordenador, todos parecendo um carro alegórico de escola de samba. Para não destoar demais, pintaram-lhe a cara com duas bolinhas vermelhas e coloram um chapéu vermelho. Bom, para disfarçar tava bom, desde que ficasse apenas nos corredores do hospital, afinal este (eu) não tinha sido treinado.

Mas a vida às vezes nos prega cada peça! Ao passar por um dos quartos onde havia duas pacientes, uma delas recebeu o grupo de palhaços com muita alegria enquanto que a outra fingia dormir, ignorando totalmente a presença dos voluntários. O curioso (eu) do lado de fora só observando, assim que os voluntários saíram do quarto percebeu que a paciente, mostrando que estava bem acordada olhou para verificar se todos já haviam saído com certo ar de reprovação.

Episódio IV ou seria II

Com o objetivo de consertar um... sei lá o que... o curioso (eu) entrou no quarto para tentar explicar aquela senhora o que nem ele próprio sabia, mas enfim começou a falar... que aquelas pessoas estavam lá para alegrar, para fazer companhia e antes que continuasse tomou uma bronca daquelas um sermão de mais de dez minutos. A senhora, quase sem respirar, foi dizendo que aquilo era um absurdo, onde já se viu que ali era um hospital, que



não precisava de nenhuma visita, principalmente de pessoas vestidas daquela maneira, e foi falando, que recebia quase todos os dias visita de “**sua filha que morava na freguesia do ó**” que lhe trazia frutas, que conversava etc. etc. etc... Eu ainda meio sem saber o que fazer, fui tentando explicar o trabalho dos voluntários, do bem que faziam, da disposição destas pessoas. Passados alguns minutos de conversa a senhora interrompeu a minha fala e pediu que me aproximasse mais dela, tomando minha mão entre as suas e aí num tom bem mais meigo começou a pedir desculpas pela forma como havia me tratado e que não recebia visitas desde que fora internada, confirmou que tinha uma filha e onde morava, mas que nunca tinha ido visitá-la, que eu era muito especial, que deveria fazer isto sempre... me fez prometer que

continuaría fazendo este trabalho, mesmo depois de ter-lhe explicado que estava ali somente para acompanhar um voluntário... não adiantou... insistiu que eu não deveria deixar de fazer este trabalho nunca, porque tinha acabado de fazer uma grande diferença na vida dela. Nem preciso dizer que sai do quarto com lágrimas nos olhos, as mesmas que brotaram assim que cheguei a este ponto da escrita.

Quanto a fazer o trabalho voluntário... nem preciso dizer que o faço até hoje. Mas isso ficará para o episódio V que começará provavelmente no episódio I.

Beijos
Dr. Cochilão.